

ateliê397

ABERTURA
23.03
14 ÀS 20H

**eu Sou
um Clichê**

**Kauê
garcia**

cûradora:
**érica
Burini**

NAUSEA

DROP DEAD

travessa dona paula, 119a
higienópolis são paulo

1.234.

Diário de bordo, dia 332. Ou algo assim. Essa talvez tenha sido a exposição em que tive o maior tempo de pes- quisa. Pesquisa de campo. Precisava entrar em um tipo de seita. Por mais que já tinha ouvido alguma dessas músic- as, nunca fiz parte dessa cena. Portanto, vem aí uma leitura muito própria. Sem nenhuma credencial. Foram meses indo em alguns shows, lendo alguns livros tentando entender as dinâmicas. As pessoas sobem no palco, às vezes cantam no microfone sagrado usualmente reservado ao vocalista. Mas não muita, logo pulam ou são empurradas de volta para a plateia. Tem a dança violenta. Tem vários códigos, processos de iniciação, seleção, distinção. Tem os de verdade. Tem os de mentira. E aí começa a exposição.

Seria perigoso e enganador imaginar que o passado próximo foi um espaço de idílio, repleto de potencial político. É sempre bom lembrar o papel que a mercantilização desempenhou na cultura do século XX. De todo modo, a velha batalha entre apropriação (détournement) e recuperação, entre subversão e incorporação, parece coisa do passado. Não estamos lidando agora, como antes, com a incorporação de materiais dotados de potencial subversivo, mas sim com a sua "precorporação": a formação e a moldagem prévia dos desejos, aspirações e esperanças pela cultura capitalista. Prova disso, por exemplo, é o estabelecimento acomodado de zonas culturais "alternativas" ou "independentes", que repetem infinitamente gesto de rebelião e con- testação como se fossem feitas pela primeira vez. "Alternativo" e "independente" não designam nada fora do mainstream: pelo contrário são, na verdade, os estilos dominantes no interior do mainstream. Ninguém encarnou de lutou contra esse beco sem saída mais do que Kurt Cobain e o Nirvana. Com sua espantosa las- sidão e sua raiva sem objeto Cobain parecia ecoar a voz esgotada do desânimo de uma geração que tinha nascido depois da história, para a qual cada gesto era antecipado, rastreado, comprado e vendido antes mesmo de acontecer. Cobain sabia que ele era apenas mais uma peça do espetáculo, que nada funcionava melhor na terra do que um protesto contra a MTV: sabia que cada gesto seu era um clichê previamente rotei- zado, e sabia que até mesmo saber disso era um clichê.

Mark Fisher: Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Tra- dução: Rodrigo Gonçalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020. p. 18-19.

A apatia é grande, a crise é geral

A noção de Realismo Capitalista desenvolvida pelo escritor, crítico musical e teórico do campo da Cultura Visual Inglês, Mark Fisher tem um imenso papel na pesquisa dos trabalhos de Kauê Garcia em *Eu sou um clichê*. A partir da leitura do trecho do livro, o título da exposição vem naturalmente, sobretudo por também fazer referência à banda inglesa X-Ray Spex, e consequentemente à sua vocalista e compositora, a óstia e irônica Poly Styrene. Uma música de pouquíssimos e preciosos versos, escritos por Poly, repetidos à exaustão: *Eu sou um clichê, você já me viu antes. Eu sou um clichê, eu moro ao seu lado. Tédio entediante tédio. Eu sou um clichê, você sabe do que eu estou falando. Eu sou um clichê, rosa é obscuro.*

As músicas falavam sobre feminismo, mostravam uma preocupação com o meio ambiente, com o consumismo, com os efeitos da cultura capitalista sobre a identidade das pessoas. Estes assuntos compõem um conjunto de crenças compartilhadas pelos punks, sobretudo de combate a um tipo de anestesia geral, efeito colateral do consumo em excesso do açúcar e da gordura da cultura de massa.

Em Feios, sujos e malvados, 4 televisões são organizadas como a logomarca da banda Black Flag, desenhada por Raymond Pettibon. Nelas, passam em loop recortes de filmes norte-americanos com personagens punks. Neste in- ventário de imagens com som suprimido, vemos como esta forma de expressão inicialmente ligada à revolta, à in- dignação, à contestação do sistema, é apropriada pela indústria hollywoodiana de forma sedutora e é neutrali- zada, retratada como superficial, violenta, vazia, rebelde de maneira divertida.

Ainda sobre este processo de neutralização, em *O Último dos Moicanos*, imagens em perfil remetem a uma linha do tempo. O contorno da silhueta, além de ser a melhor forma de exibir o corte de cabelo em moicano, também traz à memória as fotografias de fichamento criminal. Todos os olhos são vendados por uma barra de aço. Vemos como este corte de cabelo atravessa o tempo, culturas, territórios e passa a se diluir conforme alcança celebridades e se dissocia de um símbolo de revolta e contestação. Com origem ligada à etnia indígena norte-americana Mohi- can, ele passa por Sonny Rollins, pelos soldados estadunidenses na Segunda Guerra Mundial, pelos punks, até chegar nas divas pop, nos cantores de sertanejo e jogadores de futebol. Perde sua radicalidade até no corte, em modalidades como o "moicano disfarçado" ou o "falso moicano".

Em Split, as cortinas do espaço foram substituídas pelo trabalho que possui estampa nos dois lados. O título remete aos discos gravados por bandas diferentes em cada lado. Lado A, uma coleção de fotos de tatuagens de lo- gomarcas de empresas: Dolce & Gabbana, Versace, Louis Vuitton, Ferrari, Rolls Royce. Lado B, o mesmo tipo de coleção em grid, mas, desta vez, representam símbolos de organizações políticas e grupos autogeridos com posicionamentos como anarquismo, squat ou okupa, feminismo, movimento negro, veganismo, os X dos abetêmios straight-edge. A tату- age certamente é um manifesto corporal para o mundo, com diversas origens culturais. Em Split, Garcia joga uma lúpa sobre duas formas extremas de exibição de posicionamento ou ideologia, uma utópica e outra consumista, que usam do mesmo procedimento.

Café descafeinado

Em um artigo de 2004, Slavoj Žižek teoriza sobre "A paixão na era da crença descafeinada". Colocando de mane- ira simplista, uma ideia de que, na contemporaneidade, há uma liberação da repressão de certos desejos destruti- vos, pela criação de produtos capitalistas - sejam eles literais ou não - que desativam as suas propriedades. É o bônus sem ônus. Café descafeinado, tolerância religiosa que anula o outro, tatuagem de marca de luxo, moicano baixo, o punk como personagem.

Antes dessa estratégia sofisticada, os veículos conservadores e moralistas travavam uma guerra com o movi- mento, visto como um perigo para os jovens. Geração Abandonada apresenta uma pilha de folhas em um canto do espaço expositivo e um livro na parede. Trata-se de uma carta que Clemente Tadeu, um dos fundadores da banda Inocentes, seminal ao movimento punk no Brasil, escreveu ao jornal O Estado de São Paulo, em resposta à coluna de Luiz Fernando Emediato, Geração Abandonada. A coluna foi transformada em livro, exposta na parede. A carta quase se perdeu, mas se repete aqui até a sua ilegitimidade.

Uma dose cavalari da cafeína de Žižek, um momento raro de otimismo de Mark Fisher. Esses são os Pistolas Sex- uais, Banda formada na Vila Maria, São Paulo e atuante entre 1972 e 1979, que teria sido imitada, aviltada por Malcolm McLaren e Vivienne Westwood depois de uma Viagem Pitoresca ao Brasil, tal qual Debret, em 1972. A radica- lidade e a cruzada produzida em massa e vendida a preço de banana. A decepção e o fim daquela fonte de energia vital. Estancando sangue da hemorragia de mais uma veia aberta. Dessa vez Golias ganhou de Davi.

Uma das bases da ideia de Realismo Capitalista de Fisher se volta ao slogan Não há alternativa (There is no alternative, apelidado TINA em inglês) usado por Margaret Thatcher e pelo Partido Conservador para justificar políticas de austeridade: Não há opção, não existe outro sistema viável. Mas na realidade há. A exceção é tão real quanto a regra.

No final, a exposição trata de um tema mais amplo, da mortificação da radicalidade das coisas, conforme elas são cooptadas pelo mainstream, pela cultura capitalista, globalizada, genérica e vazia. Os exemplos poderiam ser vários, mas só poderiam ser punk. Porque este não é só o tema, mas o modo de fazer.

Hice todo lo que no, lo que no tenía que hacer

Kauê Garcia - em todo seu trabalho e não só - faz escolhas. Não só nas imagens e no assunto, mas nos materiais, nos espaços em que circula, em que opta circular. O sistema que acredita. Tem uma rejeição pelo que é dado como artístico sem grandes objeções. Tacinhas batendo, sorrisos amarelos, falsa simpatia com uns, verdadeira grosse- ria com outros, contratos assinados que vendem outra coisa, além do que prometem. É preciso romper com essas coisas.

But baby al fin, quizás sea así, pero baby al fin tal vez sea así, vivir, vivir-

Érica Burini

Ateli@97
Gestão: Bruna Fernanda, Érica Burini, Jeanne Gonçalves, Tania Rivitti, Thaís Rivitti
Produção executiva: Jeanne Gonçalves
Design: Thia Sguoti
Eu sou um clichê
Curadoria: Kauê Garcia
Artista: Érica Burini
Montagem: Pablo Vieira
Gráfica: P.A.N.C. Press
Agradecimentos: André Djanikian, Marcus Leijoto, Ivan Padovani, Syl Arte Molduras.

- 1. Split, 2024. Cortina de tecido estampado.
- 2. Feios, sujos e malvados, 2024. Vídeo em 4 canais, filmes apropriados.
- 3. O último dos moicanos, 2024. Placas de alumínio, barra de alumínio.
- 4. Geração Abandonada, 2024. Folhas sulfite com facsimile da resposta de Clemente Tadeu Nascimento ao jornal O Estado de São Paulo e livro Geração Abandonada, de Luiz Fernando Emediato
- 5. Pistolas Sexuais, 2023-2024. Fotografias, facsimiles, ca- miseta, fita K7, tocas-fitas, fauzine, cartazes, patches, botton.

